Macroeconomia

# Desafio Brasileiro

Rogério Mori*

O RESULTADO do PIB brasileiro do terceiro trimestre trouxe uma decepção, acompanhada pelo desapontamento com o nível de investimentos produtivos no País. Depois de alguns trimestres de recuperação, a taxa de investimento brasileira tem registrado queda.

Na década passada, enquanto a relação entre investimentos e PIB ficou pouco acima de 17%, agora, gradativamente, passou a recuar para esse nível. Esse patamar se mostra insuficiente para proporcionar ao Brasil uma taxa de crescimento econômico em torno de 5%. Isso de maneira sustentável, sem a formação de gargalos na economia.

De fato, o País assumiu há alguns anos o compromisso de realizar dois dos eventos esportivos mais importantes em termos mundiais. Nesse sentido, a taxa de investimentos brasileira deveria estar situada em patamares muitos mais altos do que os atuais. Afinal, há necessidades de investimentos em vários segmentos, particularmente na infraestrutura.

Porém, a realidade dos fatos revela-se muito distinta, porque os investimentos permanecem em baixa no Brasil. Adicionalmente, o baixo crescimento nacional verificado ao longo dos últimos trimestres desanima os empresários em diferentes setores, com postergação e revisão dos projetos de investimentos.

Essas decisões também são condicionadas por outros fatores, como os elevados custos de produção, a carga tributária pesada e ao fato de o real atualmente ser uma das moedas mais fortes do planeta. No conjunto, mina-se a competitividade em relação às demais economias.

O pano de fundo desse diagnóstico, na verdade, possui contornos mais deprimentes, pois sinaliza uma ausência mais efetiva de planejamento de longo prazo em nosso País.

Entre os anos 1950 e 1970, o Brasil perseguiu o modelo desenvolvimentista. Como o Estado tinha uma função importante no desenvolvimento econômico, o País cresceu em ritmo rápido. Entre as funções do Governo, incluía-se a realização de investimentos em infraestrutura, que foram marcantes e cruciais. Naquele contexto, o setor privado não tinha capacidade de arcar com os pesados investimentos requeridos. O modelo funcionou até o início dos anos 1980, quando o descontrole da inflação e a estagnação do crescimento instauraram-se no Brasil. Somente com o Plano Real, em 1994, a inflação caiu, mas o crescimento econômico nunca mais atingiu os patamares observados nas décadas anteriores ao descontrole inflacionário.

Evidentemente, além do Estado brasileiro não ter mais condições de atuar como no passado, não se espera que isso se repita. O aumento da participação do setor privado nos investimentos em infraestrutura no País foi saudável, mas as necessidades atuais da economia brasileira são colossais.

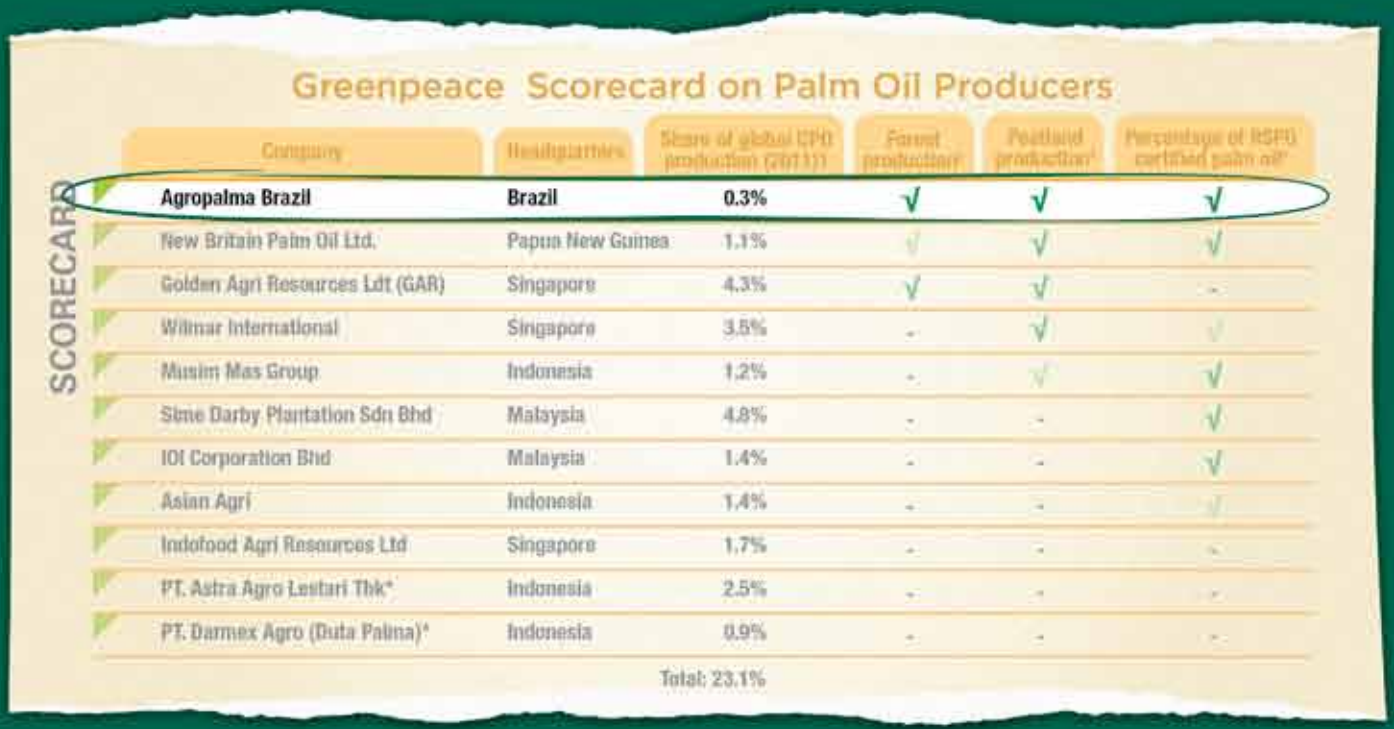
Assim, é lógica a adoção de um novo modelo. Na década de 1990, as privatizações tiveram papel importante em diminuir a participação do Estado na economia brasileira, particularmente nos segmentos em que sua atuação era claramente ineficiente. Esse processo encerrou-se na virada da década passada. Desde então, o Brasil patina na construção de um novo e definitivo modelo, que proporcione incremento nos investimentos em infraestrutura no Brasil.

Associado a isso, é necessário definir a inserção estratégica econômica brasileira no século XXI. Os países emergentes, sistematicamente, formatam com clareza sua lógica de inserção. A Coreia do Sul, por exemplo, país mais pobre do que o Brasil nos anos 1960, definiu claramente sua trajetória de desenvolvimento voltada para o setor externo, com foco em alguns setores estratégicos para aquele país.

O desafio brasileiro neste século será definir como construir esse processo, para trazer benefícios não apenas do ponto de vista da distribuição de renda, mas também de forma a ampliar o ritmo de crescimento econômico do Brasil nas próximas décadas. ■

*Professor da Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas

# A Agropalma é a mais sustentável entre as maiores produtoras de palma do mundo. E não somos nós que estamos falando.



Greenpeace Scorecard on Palm Oil Producers

SCORECARD

| Company | Headquarters | Share of global CPO production (2011)[1] | Forest production* | Peatland production* | Percentage of RSPO certified palm oil* |
|---|---|---|---|---|---|
| **Agropalma Brazil** | **Brazil** | **0.3%** | **√** | **√** | **√** |
| New Britain Palm Oil Ltd. | Papua New Guinea | 1.1% | √ | √ | √ |
| Golden Agri Resources Ldt (GAR) | Singapore | 4.3% | √ | √ | - |
| Wilmar International | Singapore | 3.5% | - | √ | √ |
| Musim Mas Group | Indonesia | 1.2% | - | √ | √ |
| Sime Darby Plantation Sdn Bhd | Malaysia | 4.8% | - | - | √ |
| IOI Corporation Bhd | Malaysia | 1.4% | - | - | √ |
| Asian Agri | Indonesia | 1.4% | - | - | √ |
| Indofood Agri Resources Ltd | Singapore | 1.7% | - | - | - |
| PT. Astra Agro Lestari Tbk* | Indonesia | 2.5% | - | - | - |
| PT. Darmex Agro (Duta Palma)* | Indonesia | 0.9% | - | - | - |
| | | Total: 23.1% | | | |

* Fonte: www.greenpeace.org/international/en/publications/Campaign-reports/Forests-Reports/Palm-Oil-Scorecard



RV MONDEL

## A Agropalma foi classificada em 1º lugar entre as maiores produtoras de palma do mundo no Scorecard on Palm Oil Producers* como uma empresa que respeita a natureza.

Receber uma referência positiva em um importante ranking internacional não é para qualquer um. É o que aponta o Scorecard on Palm Oil Producers*. Ter uma empresa brasileira em 1º lugar nesse ranking mostra o nosso compromisso com a produção sustentável através de ações de responsabilidade socioambiental, técnica e econômica. Esse é o resultado do esforço permanente da Agropalma na melhoria contínua de seus processos e de seus produtos, bem como na preservação da biodiversidade e da Floresta Amazônica. Isso é bom para nossos clientes, para os nossos colaboradores e para o planeta.

Alguns dos certificados internacionais conquistados pela Agropalma:

www.agropalma.com.br

AGROPALMA
Óleos e Gorduras Vegetais